

## JESUS E A TRADIÇÃO SAPIENCIAL

CARLOS MESTERS, O.CARM.

Quando dizemos “Tradição Sapiencial”, alguns pensam nos livros que na Septuaginta e na Vulgata receberam o nome de “Livros Sapienciais”. Na Bíblia Hebraica a nomenclatura é outra. Uma rígida separação entre livros históricos, sapienciais e proféticos pode enganar. No concreto da história tudo existe misturado.

Uma outra dificuldade na identificação da “Tradição Sapiencial” vem da história da exegese. O livro de G. von Rad, “*A História da Salvação*” marcou época na metade do século passado. Sua síntese genial focalizava os livros históricos e proféticos, mas não integrou os livros ditos *Sapienciais*. Ele deve ter percebido a omissão, pois no fim de sua vida escreveu o livro “*Sabedoria em Israel*”. Mesmo assim, faltou a síntese. Sabedoria e Profecia, continuaram bastante separadas na análise que fazíamos da história.

Nos últimos anos a exegese está fazendo grande progresso no estudo da literatura sapiencial, e a análise do uso da tradição sapiencial no NT está ajudando a compreender bem melhor a cristologia dos primeiros cristãos.

Nossa reflexão sobre “Jesus e a Tradição Sapiencial” terá três partes e um pequeno suplemento. A 1ª parte tenta definir o que entendemos por “Tradição Sapiencial”. A 2ª parte descreve a evolução da Tradição Sapiencial até à chegada do Novo Testamento e a sua influência na prática de Jesus. A 3ª parte procura oferecer um resumo de como Jesus se situava dentro da Tradição Sapiencial. O suplemento traz um resumo de como os primeiros cristãos identificaram Jesus como a sabedoria personificada de Deus.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Levou muito tempo para fazer este estudo sobre Jesus e a Tradição Sapiencial. Li vários livros e artigos e fui lembrando de outros que já tinha lido no passado. Não lembro de todos os títulos. A síntese foi se fazendo aos poucos. Ao longo do artigo cito os livros da Bíblia. Os livros que mais me ajudaram foram os de Milton Schwantes e de Gilberto Gorgulho e Ana Fora Anderson.

## I. O QUE ENTENDEMOS POR TRADIÇÃO SAPIENCIAL

### *A origem da sabedoria*

“A origem da sabedoria se perde no tempo. Ela é como a fonte antiga: sua água é sempre nova. É como o espelho: nele todos olham e se reconhecem. Antes de Abraão ser chamado, já existia a sabedoria, pois já existiam a luta em defesa da vida, a cultura popular, os costumes, a lenta descoberta das leis da natureza e dos valores da vida, os provérbios”<sup>2</sup>.

Ao longo da história, a tradição sapiencial foi nascendo da luta pela sobrevivência e da atenta observação da vida nos seus vários setores: (1) na família em casa; (2) no trabalho do **campo** e na natureza; (3) na **praça** da cidade junto do portão, onde ficava o tribunal da justiça e onde se fazia a feira; (4) na sociedade com seu governo e suas organizações, cujo centro era o **palácio** do rei; (5) na religião com suas práticas e ritos que permeavam a vida e convergiam para o **Templo**. É nestes ambientes que estavam os focos geradores, onde se concentrava o esforço da sabedoria:

1. **Casa:** família, clã, tribo, corpo, saúde, educação, amor, ...
2. **Campo:** trabalho, plantio, animais, estações, tempo, natureza, ...
3. **Portão:** justiça, comércio, cidade, praça, feira, roda, processo, ...
4. **Palácio:** governo, organização, côrte, exército, conflitos, ...
5. **Templo:** religião, culto, Deus, oração, romaria, promessas, ...

Nestes setores da vida nasciam as gotas dos provérbios como expressão das descobertas feitas na multiforme luta pela sobrevivência, a saber: na produção de alimentos, na descoberta dos remédios, no confronto constante com a natureza, na educação dos filhos, na transmissão dos valores, na convivência social, na compra e venda dos produtos, na luta pela justiça contra a exploração injusta, no governo do povo, na prática da religião. Aos poucos, os provérbios foram evoluindo e se juntando para formar o grande rio da sabedoria que percorre a Bíblia e a vida, até hoje.

Resumindo, podemos dizer que a sabedoria, na sua origem, nasce da preocupação básica de *todo ser humano* com a preservação e defesa da vida. Ela apresenta as seguintes características:

- ajuda o povo a sobreviver e não se deixar derrubar pelos problemas.

---

<sup>2</sup> Palavra-Vida. CRB, “*Sabedoria e Poesia do Povo de Deus*”, Projeto Palavra-Vida, 4º volume, Publicações CRB, 1993, p. 24.

- faz conhecer a natureza e suas leis, para que sirvam à vida.
- capacita para a vida: não cria dependência, mas faz descobrir.
- organiza a vida: ato criador, que defende contra o caos ameaçador.
- é anônima: reflete a experiência do grupo; é a voz do povo.
- é realista: fruto do bom senso e do respeito ao próprio povo.
- é crítica: ensina a desconfiar e a ter consciência certa.
- é ecumênica: internacional e inter-confessional na sua origem.
- é conservadora: conserva o que é bom para a vida do povo.

Nestas características transparece uma *ambivalência* que marca a natureza da Sabedoria desde a sua raiz: *de um lado*, existe nela o desejo de conhecer as coisas por experiência, de nomeá-las, de organizá-las e de controlá-las em defesa da vida; *de outro lado*, existe nela o desejo de resistir a tudo que possa ameaçar a vida, desejo de autonomia e de liberdade de quem não se deixa dominar nem quer ser dominado. É um único e mesmo desejo com estes dois aspectos aparentemente contraditórios entre si, que geram uma tensão permanente no interior da própria sabedoria.

Esta ambivalência interna marca a evolução da tradição sapiencial ao longo da história do povo de Deus, tanto nas suas formas de *expressão literária* como nas suas formas de *atuação histórica*. Ela será uma chave importante para compreendermos e avaliarmos “*O Relacionamento entre Jesus e a Tradição Sapiencial*”, que é o tema que nos foi proposto.

#### *A evolução da sabedoria nas suas formas de expressão literária*

Na origem está o provérbio que reflete o ambiente da *Casa* e da *Tribo*. Ao longo da história, a Sabedoria foi crescendo e evoluindo, ultrapassando de várias maneiras a sua modesta origem caseira e tribal:

1. Ultrapassa o âmbito da formulação do simples **provérbio** e chega a produzir tratados e longas reflexões. como o livro de Jó, Qohelet e Sabedoria.
2. Ultrapassa o âmbito da **família** e do **clã** e entra no âmbito da nação e do Estado. A palavra **rei** tem o duplo sentido de (1) ser rei e (2) aconselhar, orientar. Surge uma identificação da sabedoria com a Monarquia. O Rei Salomão aparece como o grande sábio, autor de milhares de provérbios, capaz de dar nome a todas as coisas (2Rs 3,12; 5,9-13). A ele se atribuem livros sapienciais que foram escritos mais de 500 anos depois da morte dele. O relacionamento das pessoas com o rei é uma

preocupação constante nos Provérbios (Prov 25-29) e no livro da Sabedoria (Sb 6,1-18).

3. Ultrapassa o âmbito da **nação** e da **raça** e se preocupa com os problemas que afligem a vida humana como tal, independentemente de nação, raça, geografia ou religião. Por exemplo, o livro de Jó. O livro dos Provérbios traz sentenças dos sábios do Egito (Prv 22,17 a 24,22; 31,1-9).
4. Ultrapassa o âmbito da **prática** e produz uma teoria sobre si mesma, como transparece no livro dos Provérbios (Prov 8,12-21), no Eclesiástico (Eclo 24,1-8) e no livro da Sabedoria (7,21-8,1).
5. Ultrapassa o **presente** e investiga o passado como o lugar no qual se manifesta a sabedoria divina. Exemplo disso são o Eclesiástico (Eclo 44,1 a 50,29), o livro da Sabedoria (Sb 10,1 a 19,22).
6. Ultrapassa o **criado** e chega a ser uma irradiação do próprio Criador, anterior à criação, conselheira de Deus na obra da criação (Prov 8,22-31; Eclo 24,9-17).
7. No ponto final desta evolução, a Sabedoria aparece identificada como Mulher, símbolo da Sabedoria Divina, que distribui os seus dons e convida a todos para saborear os seus frutos (Prov 31,10-31; 8,32-36; 9,1-6).

#### *Resumindo a tradição sapiencial sobre a Sabedoria*

Ao longo dos séculos, a reflexão dos sábios foi investigando não só o presente mas também a história do povo no passado e a própria criação como lugares da manifestação da Sabedoria (Eclo 44,1 a 50,29; Sb 10,1 a 19,22). Foi produzindo uma teoria sobre si mesma (Prov 8,12-21; 8,30-36; Eclo 24,1-8; Sb 7,21-8,1) e chegou a descobrir e a experimentar Deus como origem e destino da sabedoria. Em consequência, criação, vida e história, tudo tornou-se o palco da manifestação da sabedoria divina.

A Sabedoria chegou a ser vista como uma irradiação do próprio Criador, anterior à criação, conselheira de Deus na obra da criação (Prov 8,22-31; Eclo 24,9-17). Tornou-se sinônimo do Espírito Divino que enche o universo (Sb 1,6-7; 8,1). Ela esteve presente como mestra de obras na criação do universo (Prov 8,30) e na história da salvação (Eclo 44 a 50). A lei de Deus é vista pelos sábios como a manifestação máxima da sabedoria (Sab). É através da observância fiel da lei de Deus que o ser humano se apropria da Sabedoria.

No fase final desta longa evolução, desde o provérbio até a quase divinização da sabedoria preexistente, a Sabedoria aparece

identificada como Mulher, símbolo da Sabedoria Divina, que distribui os seus dons e convida a todos para saborear dos seus frutos (Prov 31,10-31; 8,32-36; 9,1-6). O livro dos Provérbios traz o elogio da mulher sábia que refaz e organiza a casa e promove a todos que vivem dentro da casa (Prov 31,10-29). Apresentada como Mulher, ela convida a todos a vir aprender com ela a sabedoria e a carregar o jugo da sabedoria que traz vida (Prov 8,1-11; 9,1-6; Eclo 51,25). Casa, Mulher e Sabedoria, as três pilastras que sustentam a convivência humana. O mesmo convite encontramos nos livros proféticos (Is 55,1-3).

*A ambivalência da sabedoria e da profecia*

- A ambivalência que afeta a sabedoria

Ao longo desta lenta evolução, a ambivalência escondida na semente foi aparecendo no fruto. O resultado final, registrado nos livros da Bíblia, mostra uma sabedoria que produz gente conservadora e gente aberta; gente do sistema e gente subversiva; gente rígida, legalista, doutor da lei e gente espontânea, rebelde, criativa e criadora. Produz Jó e os amigos de Jó. Não se trata tanto de grupos ou partidos bem distintos, separados uns dos outros, mas mais de tendências que, por vezes, existem misturadas até nas próprias pessoas e nos grupos.

*De um lado*, a sabedoria aparece ligada ao rei que aconselha, coordena, governa, ataca e defende. Ela encontra sua expressão nas escolas dos sábios, que colecionam, organizam e sistematizam a sabedoria do povo (Prov 25,1; 1Rs 5,9-13; Sab 7,15-21). São eles que fizeram a redação final da Torá. O *Sábio* se torna *Doutor da lei*, *conservador* dos valores do passado, precursor dos escribas e fariseus. Em alguns deles, ser sábio vira status e classe separada do povo, que chama o povo de ignorante (Jo 7,49).

*Do outro lado*, a sabedoria aparece como um impulso criativo que, sem parar, surge de dentro do povo para enfrentar os problemas da sobrevivência; cria sempre novas formas de luta em defesa da vida, criticando-se a si mesma e às suas formas de expressão já superadas pela própria vida; produz alargamento do horizonte e aprofunda os problemas humanos; atinge a raiz do sistema dominante e o critica radicalmente. O *Sábio* se torna *Profeta*, sem o rótulo da profecia. Jesus é um deles. Ele agradece a Deus por Ele estar revelando sua sabedoria aos pequenos e escondê-la aos “sábios e entendidos” (Mt 11,25-26).

- A ambivalência que afeta a profecia

Uma ambivalência semelhante afeta a profecia. Havia profetas que não assumiam sua identidade como profeta e diziam: “Eu não sou profeta!” (Am 7,14; Zc 13,5), ou que criticavam os profetas, culpando-os pelo desastre nacional da destruição de Jerusalém (Jr 23,33-40; Lam 2,14; Ez 13,1-13.16; Zc 13,2-6). Havia profetas que apoiavam a monarquia (2Sm 7,4-16; 2Cr 18,12; Jr 28,1-4) e outros que a criticavam (1Rs 18,16-18; 21,17-24). Havia profetas que apoiavam o culto e estimulavam a reconstrução do templo (Ag 1,2-11), e outros que criticavam o Templo, condenavam o culto e anunciavam a sua destruição (Jr 7,1-15; Am 5,21-25; Is 1,10-15).

Desde o início da monarquia (1000 aC), até o fim do exílio da Babilônia (587-538), os profetas faziam parte da história de Israel. Eles eram a consciência falante do povo de Deus. Depois do exílio, se dizia: “Não existem mais profetas” (Sl 74,9; cf Dn 3,38). Chegaram a dividir a história em dois períodos: o período em que havia profetas, e o período “em que já não havia mais profetas” (1Mc 9,27). Falava-se dos *antigos profetas* (Zac 1,4; 7,7). Coisa do passado! Tinham até feito uma lista que já parecia completa: *doze profetas* (Eclo 49,10), e passaram a usar a palavra *profetizar* para os tocadores de instrumentos musicais nas celebrações litúrgicas (1Crôn 25,1.3).

Durante os 400 anos do período dos reis, eles tiveram seus profetas. Durante mais ou menos 500 anos, desde o exílio até João Batista, ficaram quase sem profetas (1Mc 9,27) e viviam à espera do profeta anunciado por Moisés (Dt 18,15-18), que lhes haveria de explicar as coisas (cf. 1Mc 4,46; 14,41). Ao menos, esta era a impressão do povo. Na realidade, o espírito profético continuava bem ativo no meio do povo, sem o rótulo de profecia, mas sob outras formas e aparências.

- A causa da ambivalência da *Profecia* como da *Sabedoria*

Três fatores ligados entre si contribuíram para esta dupla ambivalência, tanto da sabedoria como da profecia: (1) a política desastrosa dos reis, (2) a mudança radical da conjuntura nacional e internacional, e (3) a busca em direções opostas para reconstruir em novas bases a identidade como povo de Deus.

1. A política desastrosa dos reis, tanto de Israel como de Judá, apoiada e orientada por profetas, levou à destruição dos dois reinos. O cativeiro na Babilônia foi o colapso total de tudo que tinha sido a história oficial desde os tempos de Davi. Os sinais tradicionais da presença de Deus se desintegraram: Templo, Monarquia, Posse da terra.

Esta experiência trágica criou uma resistência contra a profecia, como se percebe em vários textos de Jeremias (Jr 23,9-40; 29,8-9) e Zacarias (Zac 1,4; 7,7). Alguns chegaram a pensar: “já não há mais profetas” (Sl 74,9). No livro dos Macabeus se diz: “Vamos esperar até que apareça algum profeta para nos orientar” (cf. 1Mc 4,46 14,41).

2. Os impérios sucessivos (babilônico, persa, helenista) significaram uma mudança radical na conjuntura nacional e internacional. Eles destruíram o sistema sócio-político das pequenas monarquias do Médio Oriente. Todos ficaram sob o domínio do poder estrangeiro. Já não eram Estado nem Nação, mas apenas comunidades étnicas, sem independência política, sem exército, sem rei, dispersas num império multi-cultural e multi-racial. Nesta situação, era impossível imaginar alguém das aldeias da Palestina atuar como profeta ou profetisa no *estilo antigo* de Amós, Miquéias ou Hulda (2Rs 22,14-20). Um camponês da Palestina já não teria nenhuma possibilidade de cobrar a observância da Lei de Deus, seja do imperador da Babilônia ou da Pérsia, seja dos governantes helenistas ou romanos. O império tinha outros deuses e outras leis! Já não era possível a profecia no estilo tradicional. Por isso, muitos achavam: “Já não existem mais profetas!” (Sl 74,9)

3. A desintegração das instituições (templo, monarquia e posse da terra) levou a uma busca sem precedentes para reconstruir em novas bases a identidade como povo de Deus. Apareceram quatro tendências misturadas entre si, mais ou menos contemporâneas:

- a) A maioria silenciosa dos que adotavam os deuses do império. É a ausência da busca ou a busca fora da Tradição do povo. O que mais transparece nos escritos daquela época é a denúncia do perigo dos ídolos (Is 44,9-20; Bar 6,1-72; Sl 115,4-8).
- b) O grupo de Zorobabel e Josué. Eles queriam restaurar o passado. Consideravam a época dos Reis como o modelo a ser imitado. Foram eles que logo voltaram para a Palestina, quando Ciro permitiu o retorno (Esd 2,2; 3,2).
- c) Os discípulos e as discípulas de Isaías. Eles procuravam animar o povo exilado na fé de que Javé, o Deus do povo, continuava presente no meio deles, lá mesmo no cativeiro (cf. Is 40,6-11.27-31; 41,8-14; 43,1-5; etc). E eles se perguntavam: “O que será que Deus nos quer ensinar por meio desta tragédia?” Eles reliam o passado em busca de uma luz que os ajudasse a redescobrir a presença de Deus naquela terrível ausência. Muitos episódios narrados nos livros ditos históricos têm aqui a sua origem.

- d) Depois do cativeiro, lá mesmo na Babilônia, apareceu e cresceu o grupo de Neemias e Esdras, no qual predominavam os escribas e as pessoas de origem sacerdotal. Eles achavam que deviam aceitar o jugo do rei estrangeiro, colaborar com ele (Br 2,21.24; Jr 27,6-8.12.17; 42,10-11) e, ao mesmo tempo, manter a consciência de povo de Deus, como povo distinto, separado dos outros povos. Por isso insistiam na observância da lei de Deus (Esd 7,26; Ne 8,1-6; 10,29-30) e na pureza da raça (Esd 9,1-2). Eles não insistiam no retorno de todos para a Palestina, mas sim na reconstrução do Templo e da cidade de Jerusalém como símbolo universal para unir os judeus dispersos (Ne 2,1-8).

Depois do cativeiro, o grupo da maioria silenciosa diluiu-se no império. O da independência política e do retorno ao passado desapareceu. Provavelmente, foi eliminado pelo império ou foi absorvido pelo grupo de Esdras e Neemias (cf Ne 7,6-7). A experiência dos discípulos e discípulas de Isaías continuou viva, animando o povo, mas como força subterrânea. Era um movimento de base, que não chegou a ter um reconhecimento oficial. O projeto do grupo de Neemias e Esdras tornou-se a proposta oficial hegemônica. Muitos deles tinham adquirido bons empregos e posições vantajosas na nova pátria, como transparece nas entrelinhas de vários escritos daquele tempo (Ne 2,1-9; Esd 7,11-26; Tb 1,12; Es 2,16; 6,10-11; Dn 3,97).

É neste período *sem reis e sem profetas*, que a *profecia* encontra novas formas de expressão. E é no bojo destas novas expressões da profecia *sem o rótulo da profecia*, que cresce e se desenvolve a Tradição Sapiencial. A partir do cativeiro, as duas realidades, profecia e sabedoria, crescem juntas, misturadas entre si.

Neste longo período pos-exílico, o enfoque básico da Sabedoria voltou a ser o ambiente caseiro e tribal, tendo no seu centro a presença e a atuação da mulher: símbolo da sabedoria. Fiorenza diz: “A função do rei como mensageiro da vontade de Deus, executor da justiça divina, representante do domínio universal de Deus, conselheiro obrigatório e garantia da ordem cósmica, agora será executada pela Divina Sabedoria representada como mulher”<sup>3</sup>.

A partir da época de Esdras, 398 aC até 165 aC, época dos Macabeus, durante mais de 200 anos, não temos mais nenhuma informação histórica direta. O que temos deste longo período são escritos, cuja

---

<sup>3</sup> Fiorenza página 162.



data exata não conhecemos, mas que nos deixam entrever o que estava sendo vivido pelo povo na base, por exemplo: Jó, Qohelet, Cântico, Rute, e outros. Eles ajudam a perceber como se desenvolveu a Tradição Sapiencial nas suas formas históricas de atuação.

## II. A EVOLUÇÃO DA TRADIÇÃO SAPIENCIAL NAS SUAS FORMAS HISTÓRICAS DE ATUAÇÃO, E A SUA INFLUÊNCIA NA PRÁTICA DE JESUS

Como dissemos, na raiz da Sabedoria existe uma ambivalência: *de um lado*, o desejo de dar nome às coisas, de controlar e organizar os acontecimentos; *de outro lado*, o desejo de liberdade que resiste a tudo que amarra e enquadra. Esta ambivalência no interior da própria sabedoria foi se manifestando em formas bem concretas ao longo da história, que vamos analisar de perto.

### *O desejo de dar nome e de controlar*

O desejo de dar nome, de organizar e de controlar as coisas para não perder o que já foi conquistado predominou na linha de Neemias e Esdras e obteve a hegemonia. Em 445, isto é, quase 100 anos depois do fim do cativeiro, Neemias, ministro do rei da Pérsia, consegue a licença temporária para, em nome do rei, ir a Jerusalém, reorganizar o povo ao redor do Templo e reconstruir as muralhas da cidade (Ne 2,4-9; 3,38). Doze anos depois, ele volta para a Pérsia e retoma o seu emprego em Suza, capital do império (Ne 2,6; 13,6). Em 398, também com o apoio do rei da Pérsia, o *escriba* Esdras da tribo sacerdotal (Esd 7,1-5) dá continuidade à obra de Neemias (Esd 5,1 a 6,22). Ele consegue o privilégio para o povo judeu poder viver segundo a Lei de seu Deus sem atender às exigências da religião dos ídolos. O rei Artaxerxes chegou a dizer a Esdras: “Quem não obedecer **à lei do seu Deus que é a lei do rei**, será castigado rigorosamente com morte ou exílio, multa ou prisão” (Esd 7,26). A partir de Neemias e Esdras, *Altar e Trono* se uniram de novo, só que agora já não é mais o rei mas sim a *observância da Lei* que se tornou o instrumento para manter a união. Mas a lei de quem: de Deus ou do Rei?

A proposta de Neemias e Esdras carregava em seu bojo uma contradição, expressa na frase “*a lei do seu Deus é a lei do rei*” (Esd 7,26). Uns identificavam a obediência a Deus com a observância da lei do Rei. Outros faziam o contrário. Identificavam a obediência ao Rei com a observância da lei de Deus. De um lado, a fidelidade à *lei do rei* trazia consigo abertura e barganha frente ao poder político e econômico.

De outro lado, a fidelidade à *lei de Deus* trazia consigo isolamento e separação do povo de Deus frente às outras religiões e culturas. Desta ambigüidade inicial nasceram dois partidos que se tornaram inimigos irreconciliáveis, mas ambos irmãos, filhos da mesma contradição original, os dois lutando pelo controle e pelo poder sobre o povo.

Os que insistiam na **observância da lei do Rei** conseguiram a liderança política e econômica e, sem nenhuma sensibilidade para com a religiosidade do povo, impunham aos outros tudo que vinha do império, inclusive a cultura grega e as expressões do culto imperial. Isto chegou ao auge na época dos Macabeus com a imposição de jogos olímpicos, ginásio, uniformes, associações, construção das cidades, comércio, dinheiro e a compra da função sacerdotal (2Mac 4,12-14; 1Mac 1,11-15; 2Mac 4,23-24). Eles deram origem aos saduceus e à elite sacerdotal. Alguns deles eram escribas, doutores da lei. Foram eles que, pela sua política absurda, provocaram a revolta dos Macabeus e, quase 200 anos depois, se reuniram para acabar com Jesus e com tantos outros movimentos de base (Jo 11,47-53; cf. At 5,34-37).

Os que insistiam na **observância da lei de Deus**. Eles conseguiram a liderança religiosa e cultural e tinham grande influência sobre a consciência do povo. Eles deram origem aos fariseus e a outros movimentos de resistência como os zelotes e os essênios. Entre eles também havia escribas e doutores da lei. Para defender o povo contra a agressão da elite econômica e política e ajudá-lo a manter sua identidade como povo eleito de Deus, eles se fecharam na pureza da raça e na observância das leis, o que levou a um isolamento fundamentalista entre as nações, à expulsão das mulheres estrangeiras (Esd 10,1-44) e aos massacres realizados por Judas Macabeu (2Mac 12,15-16.19.23.26.28).

Estes dois grupos nascidos da proposta de Neemias e Esdras, tanto os saduceus e a elite sacerdotal, como os fariseus, os zelotes e os essênios, ambos representam aquele aspecto da tradição sapiencial que busca o controle e o poder, cada um a seu modo. A luta entre os dois era tanta no começo dos anos 60 antes de Cristo, que chamaram os romanos para estabelecer a paz. O outro lado, isto é, o desejo de resistir a tudo que amarra e enquadra, continuou vivo em outras formas históricas de atuação na linha profético-sapiencial.

Na época de Jesus continuava a mesma ambivalência que marca a Sabedoria desde a sua origem: o lado conservador de dar nome, de controlar e de dominar, e o lado criativo de resistir para não ser dominado e enquadrado. A pergunta central é esta: como Jesus se insere na Tradição Sapiencial do seu povo? Com qual dos grupos, tendências ou movimentos ele se identifica?

*A resistência profético-sapiencial que se prolonga na prática de Jesus*

1. O novo ponto de partida: o retorno à *Casa* e a nova imagem de Deus (Isaías 40-66)

A desintegração dos valores que haviam sustentado o povo na época da monarquia, criou uma conjuntura totalmente nova, diferente. No cativeiro lá na Babilônia, o único espaço de uma certa autonomia e liberdade que ainda sobrava para o povo era o espaço familiar: o pai, a mãe, o marido, a esposa, um irmão ou irmã, o mundo pequeno da família, a “casa”. Todo o resto que antes fazia parte da vida já não existia: a posse da terra, o templo, as peregrinações, o culto, o sacrifício, o sacerdócio, a monarquia, o rei. Nada disso tinha sobrado. O ambiente caseiro, a **Casa**, e a necessidade de resistir e de vencer na vida ocupavam, novamente, um lugar central, como na época dos Juizes, anterior à monarquia. Foi uma retomada mais ou menos consciente dos valores do tempo dos Juizes, anterior à monarquia. Tanto assim que Godolias recomeçou a reorganização do povo em Masfa (Jer 40,6-8;12), onde tinha vivido Samuel, o último Juiz (1Sam 7,5-7.16; 10,17). Jerusalém, a antiga capital da monarquia, deixou de existir para eles.

Foi neste espaço reduzido e enfraquecido da família, da comunidade, da “casa”, que renasce o esforço da Tradição Sapiencial, tendo como raiz uma nova experiência de Deus e da vida. A imagem de Deus, transmitida pelos discípulos e discípulas de Isaías, reflete este ambiente familiar da **Casa**. Deus é apresentado como **Pai** (Is 63,16; 64,7), como **Mãe** (Is 46,3; 49,15-16; 66,12-13), como **Marido** (Is 54,4-5; 62,5), como parente próximo (*goêl* ou **irmão mais velho**) (Is 41,14; 43,1). Javé, o Deus que antes estava ligado ao Templo, ao culto oficial, ao sacerdócio, ao clero, à Monarquia, agora está perto deles, “em casa”; casa pequena, quebrada e, humanamente falando, sem futuro, mas **Casa**, e não *Templo*. Não insistiram nas imagens religiosas tradicionais, mas sim usaram imagens novas tiradas da vida familiar e comunitária. Eles *humanizaram a imagem de Deus e sacralizaram a vida, a família, a pequena comunidade, como o espaço do reencontro com Deus*. Aqui está a raiz que vai animar a resistência profético-sapiencial. Profecia e Sabedoria se confundem nos escritos da resistência popular deste período.

Ao longo destes séculos, sobretudo depois da vinda de Esdras em 398, a resistência iniciada pelos discípulos e discípulas de Isaías, tornou-se um movimento quase subterrâneo que manifestava sua presença nas novelas populares (Rute, Ester, Judite, Jonas), na literatura dos sábios (Jó, Eclesiastes e trechos de Provérbios, Eclesiástico e Sabe-

doria), nas celebrações e romarias (muitos Salmos), no movimento apocalíptico (Daniel), na arte popular (Cântico dos Cânticos).

Vejamos de perto algumas características desta resistência profético-sapiencial que vai ecoar pelos quatro séculos até à chegada do Novo Testamento e vai encontrar o seu prolongamento na atuação de Jesus! Como nos discípulos de Isaías, também em Jesus, a raiz da sua atuação é a nova experiência de Deus como Pai/Mãe. Este é o novo ponto de partida e o critério que o leva a reler tudo, a assumir atitudes novas e a criticar formas fossilizadas e alienadas da religião do seu povo.

## 2. A reconstrução do relacionamento humano na convivência diária (Qohelet)

A solução proposta por Esdras e Neemias, em vez de reconstruir a convivência humana, contribuía para miná-la ainda mais, tanto por parte da elite sacerdotal que promovia a abertura para o império, como por parte dos escribas que se fechavam na observância estrita da lei e na pureza da raça.

Qohelet oferece critérios para o povo poder adquirir uma consciência mais crítica frente às várias tendências da época. Com palavras diferentes, ele repete, sem cessar, do começo ao fim: “Tudo é vaidade!”, miragem, ilusão! Parece um estribilho que sempre volta, *vinte e nove vezes!* (Qo 1,2.14.17; 2,1.11.15.17.19.21.23.26; 3,19; 4,4.8.16; 5,9.15.19; 6,2.9.12; 7,6.15; 8,10.14; 9,9; 11,8.10; 12,8). Ele critica tanto a sede de riqueza da elite (Qo 2,1-16; 5,9-16) e a sua mania de correr atrás das novidades do império (Qo 1,10-11), quanto o fechamento dos escribas com a sua pretensa justiça e com seu sentimento de gente privilegiada por Deus (Qo 7,15-16).

Por meio de um outro estribilho, que vai surgindo ao longo das páginas do seu livro e que, com palavras diferentes, é repetido *sete vezes*, Qohelet aponta uma saída que pode ser resumida da seguinte maneira: “Nada há de melhor para o ser humano do que alegrar-se, comer e beber, desfrutar o fruto do trabalho e gozar a vida com a esposa amada, pois tudo isto vem da mão de Deus” (cf. Qo 2,24-25; 3,12-15; 3,22; 5,17-19; 7,13-14; 8,15; 9,7-10). Qohelet convida o povo a reencontrar o fundamento da existência na vida em comunidade, na família, no trabalho honesto e na fé em Deus. Todo o resto, que não contribui para a reconstrução das relações primárias neste núcleo básico e caseiro da convivência humana é *vaidade*, perda de tempo, corrida atrás do vento, miragem, ilusão.

A preocupação básica de Jesus vai no mesmo sentido: refazer as relações humanas nas aldeias e pequenas cidades da Galiléia. Numa

época em que a religião oficial insistia no espaço sagrado do Templo e nas coisas ligadas ao culto oficial, Jesus recupera a dimensão caseira da fé. É impressionante verificar como nos evangelhos o ambiente da **Casa** exercia um papel central na vida e na atividade de Jesus. Quando se fala em *casa*, não se trata só da casa de tijolos ou de pedra, nem só da família pequena, mas também e sobretudo do clã, da comunidade. Até à idade de trinta anos, Jesus viveu no ambiente comunitário e caseiro lá em Nazaré. Durante os três anos que andou pela Galiléia ele entrava e vivia nas *casas* do povo. Entrou na *casa* de Pedro (Mt 8,14), de Mateus (Mt 9,10), de Jairo (Mt 9,23), de Simão o fariseu (Lc 7,36), de Simão o leproso (Mc 14,3), de Zaqueu (Lc 19,5). O oficial reconhece: “Não sou digno de que entres em minha *casa*” (Mt 8,8). E o povo procurava Jesus na *casa* dele (Mt 9,28; Mc 1,33; 2,1; 3,20). Quando ia a Jerusalém, Jesus parava em Betânia na *casa* de Marta, Maria e Lázaro (Jo 11,3.5.45; 12,2). No envio dos discípulos e discipulas a missão deles é entrar nas *casas* do povo e levar a paz (Mt 10,12-14; Mc 6,10; Lc 10,1-9).

Jesus recupera a dimensão sagrada e festiva da *casa*. Ele, sua mãe e todos os discípulos participam da festa de casamento em Caná (Jo 2,1-2). Jesus aceita convite para almoçar e jantar nas casas do povo: de Simão o leproso (Mc 14,3), de Simão o fariseu (Lc 7,36), de Marta e Maria (Jo 12,2), de um outro fariseu (Lc 11,37; 14,12). É na sala superior da *casa* de um amigo que Jesus celebrou a última páscoa com seus amigos (Mt 26,18-19). Envia os discípulos e discipulas para reconstruir o clã nas aldeias da Galiléia nas quatro bases da vida comunitária: hospitalidade, partilha, comunhão de mesa e acolhida aos excluídos (Lc 10,1-9). Depois da ressurreição, Jesus entrou em *casa* com os dois discípulos em Emaús e foi reconhecido por eles no gesto tão caseiro da fração do pão (Lc 24,29-30). Os primeiros cristãos imitam Jesus e recuperam a dimensão sagrada e festiva da *casa*. Lucas diz que eles “partiam o pão nas *casas*, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração” (At 2,26). O apóstolo Paulo favorece e estimula a criação de igrejas domésticas.

### 3. Crítica radical à manipulação da imagem de Deus (Jó)

O livro de Jó ajuda a perceber como a imagem que as pessoas têm de Deus repercute na organização econômica, social, política e religiosa da sociedade. O ensino oficial dos sábios, amigos de Jó, dizia: “Sofrimento e pobreza são castigo de Deus” (cf. Jó 4,7; 8,1-4). Esta maneira de representar o relacionamento entre Deus e o ser humano beneficiava a elite e dava aos pobres um complexo de culpa

e de inferioridade. O livro de Jó verbaliza a tensão que estava nascendo entre o ensino oficial da elite e a incipiente consciência rebelde dos sofreadores.

O livro de Jó nos dá uma imagem concreta do método dos sábios: uns raciocinando a partir da tradição dos séculos, querendo manter a ordem conquistada, e outros raciocinando a partir da experiência dolorosa da vida, denunciando a dominação. Jó representa os sofreadores, cuja consciência estava começando a se rebelar. Os três amigos representam a visão tradicional, que eles defendem com unhas e dentes. A cabeça de Jó, formada pelo catecismo da tradição dominante, dizia: “Você sofre e é pobre porque é pecador! Deus o está castigando!” Mas o coração, a consciência, lhe dizia: “Deus é injusto comigo! Não pequei! Quero brigar com ele para me defender”. Jó critica os três amigos, que identificavam a presença de Deus com o nível econômico das pessoas: “Vocês usam mentiras e injustiças para defender a Deus!” (Jó 13,7). “Vocês são capazes de sortear um órfão e vender seu próprio amigo!” (Jó 7,27).

Na frase final Jó se dirige a Deus e diz: “*Eu te conhecia só de ouvir falar de Ti, mas agora meus olhos te viram. Por isso me retrato e me arrependo sobre pó e cinza*” (Jó 42,4-6). Jó descobriu que a sua luta não era contra Deus, mas sim contra aquela imagem de Deus que falsificava a consciência das pessoas e destruía a convivência humana. É a rebeldia profética da tradição sapiencial que não quer ser enquadrada.

Como Jó, Jesus age e raciocina a partir de uma nova experiência de Deus que é Pai. Na boca de Jesus a imagem de Deus como Pai não representa o patriarcalismo nem o machismo da época. Nela Jesus expressa a origem da sua identidade, a raiz da sua missão e a fonte do seu relacionamento consigo mesmo, com os outros e com Deus. Em Jesus, a imagem do Pai, Abba, acentua a fraternidade, a igualdade e a ternura que devem existir entre nós, seres humanos. O mistério de Deus, expresso na imagem do Pai, é tão grande que ultrapassa até a própria imagem do pai e deixou Jesus, o filho, no escuro no momento de morrer: “Meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15,34).

A recusa de qualquer tentativa de manipular Deus em seu próprio favor transparece nas respostas de Jesus ao diabo que lhe propunha usar em próprio benefício sua condição de messias: “A Escritura diz: Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4). “A Escritura também diz: Não tente o Senhor seu Deus” (Mt 4,7). “Vá embora, Satanás, porque a Escritura diz: Você adorará ao Senhor seu Deus e somente a ele servirá” (Mt 4,10). A experiência de que Deus ultrapassa tudo aquilo que podemos imaginar a respeito de Deus dava a Jesus uma liberdade muito

grande frente às estruturas e leis, tradições e costumes da religião do seu tempo.

Nunca ninguém pode pretender dominar Deus por meio destas práticas. Deus é maior. Por isso mesmo, como Jó aos olhos dos três amigos, assim Jesus aos olhos dos escribas e fariseus, era um homem sem Deus (Jo 9,16), contrário ao Templo e à Lei de Deus (Mt 26,61).

#### 4. Resistir contra a marginalização e exclusão da mulher (Cântico, Rute)

No relato sobre a manifestação da Sabedoria Divina na história do povo de Deus (Eclo 44-50), o autor do livro do Eclesiástico ignorou as mulheres. Só conservou os nomes dos homens. Quando ele fala da mulher, manifesta um certo desprezo (Eclo 25,13); e quando diz coisas boas sobre ela, é a partir do ponto de vista do homem (Eclo 26,1-2.13; 36,21-27). Porém, quando fala da Sabedoria Divina, ele a personifica e a elogia sob a figura de uma mulher (Eclo 4,11-19; 14,20-15,10; 24,1-29).

Estas duas tendências, marginalização e valorização da mulher, aparecem em todo o Antigo Testamento, mas sobretudo no período depois do cativeiro. Na mesma medida em que crescia a exclusão da mulher, cresciam a sua resistência e valorização. Vários livros registram esta resistência e valorização progressivas.

No Cântico dos Cânticos, a mulher aparece como pessoa independente que, para poder encontrar o seu amado, enfrenta os guardas da cidade (Ct 3,1-4; 5,2-8), o rival que a persegue (Ct 8,11-12), e os irmãos que querem protegê-la (Ct 8,8-10). No livro de Rute, duas mulheres pobres, ambas viúvas sem futuro, das quais uma estrangeira, estão na origem da reconstrução do povo. São elas que tomam as iniciativas para reconquistar os direitos perdidos e para fazer observar a lei do resgate (Rt 2,20; 3,1-6). É de uma estrangeira que nasce o avô do messias (Rt 4,11.17). Judite, mulher de um povoado imaginário da Samaria, contesta a decisão tomada pelos anciãos e sacerdotes (Jdt 8,11-17). Sozinha, ela enfrenta o exército inimigo e consegue derrotar o general Holofernes, cortando-lhe a cabeça (Jdt 8,32-34; 13,6-10). Ester é a mulher que se engaja na luta pela sobrevivência do povo (Est4,8-17). O mesmo valor de resistência encontramos nas primeiras páginas da Bíblia, escritas depois do cativeiro, onde se afirma a igualdade do homem e da mulher como imagem de Deus (Gn 1,27).

Nestes livros a mulher aparece não tanto como mãe e esposa, mas muito mais como mulher que sabe usar sua dignidade e beleza para lutar pelos direitos dos pobres e assim defender a Aliança do povo. E

ela luta não a favor do Templo, nem a favor de leis abstratas, mas sim a favor da vida do povo.

Jesus soube acolher a resistência das mulheres. A moça *prostituída* que teve a coragem de desafiar as normas da sociedade e da religião, é acolhida e defendida por Jesus contra o fariseus (Lc 7,36-50). A mulher *encurvada* é acolhida por Jesus como filha de Abraão contra o dirigente da sinagoga (Lc 13,10-17). A mulher considerada *impura* que teve a coragem de meter-se no meio da multidão, é acolhida sem censura e curada (Mc 5,25-34). A Samaritana, desprezada como *herética*, é a primeira pessoa a receber o segredo de que Jesus é o Messias (Jo 4,26). A mulher *estrangeira* de Tiro e Sidônia, que ajudou Jesus a alargar sua missão, é atendida por ele (Mc 7, 24-30). As *mães com filhos pequenos* que enfrentam os discípulos são acolhidas e abençoadas por Jesus (Mt 19,13-15; Mc 10,13-16). As mulheres, que desafiaram o poder e ficaram perto da cruz de Jesus (Mt 27,55-56.61), foram as primeiras a experimentar a presença de Jesus ressuscitado (Mt 28,9-10). Maria Madalena, considerada *possessa*, mas curada por Jesus (Lc 8,2) recebeu a *ordem* de transmitir a Boa Nova da ressurreição aos apóstolos (Jo 20,16-18). As mulheres fazem parte da comunidade de discípulos que se forma ao redor de Jesus (Lc 8,1-3; Mc 15,40-41).

Comparando as atitudes de Jesus com a resistência profético-sapiencial, deu para perceber como é profunda a identificação de Jesus com este lado criativo da Tradição Sapiencial. É a marca que o caracteriza. Ele é o sábio que virou profeta. Vou tentar resumir em sete pontos a prática sapiencial de Jesus.

### III. A PRÁTICA DE JESUS: SUA ATITUDE SAPIENCIAL

#### *Sua atitude frente aos fariseus e escribas, os “sábios”*

Nas discussões de Jesus com os fariseus e escribas, aparece bem concretamente a tensão que nasce da ambivalência inerente à natureza da sabedoria. De um lado, os fariseus e os escribas que controlam e dominam; do outro lado, Jesus que resiste e liberta. Pela sua maneira de argumentar Jesus revela que conhecia o método dos sábios e que dele se serve na discussão com os doutores.

#### *Sua maneira de ensinar e transmitir conhecimento*

Jesus ensinava por meio de parábolas. Ele tinha uma capacidade enorme de encontrar imagens simples para comparar as coisas de Deus com as coisas da vida do povo. Isto supõe duas coisas: estar por dentro



das coisas da vida, e estar por dentro das coisas de Deus, do Reino de Deus. Ele compara as coisas de Deus, que não são tão evidentes, com as coisas da vida que o povo conhece e experimenta na sua luta pela sobrevivência. A parábola provoca as pessoas a pensar. É uma forma participativa de ensinar; de educar. Não faz saber, mas faz descobrir. Ela leva a pessoa a refletir sobre a sua própria experiência, e faz com que esta experiência a leve a descobrir que Deus está presente na vida. A parábola muda os olhos, faz da pessoa uma observadora crítica da realidade.

#### *Sua atitude frente à Lei de Deus*

Na maneira de usar, interpretar e aplicar a Sagrada Escritura Jesus tem uma atitude que revela grande *familiaridade* com a Bíblia, surpreendente *liberdade* e, ao mesmo tempo, uma *fidelidade* radical (Mt 5,17-19). Ele não se fecha na letra, mas busca o sentido do espírito. Ele reconduz a Lei à sua origem, para que as pessoas percebam qual o seu objetivo, a saber, a prática do amor (Mt 7,12; Mc 12,29-31), e critica os que “invalidam a Palavra de Deus pela tradição que transmitem” (Mc 7,13). Aos que identificavam a vontade de Deus com a letra da Lei, ele dizia: “*Antigamente foi dito, mas eu digo*”, e por seis vezes, teve a coragem de modificar a letra da lei antiga para evitar que as pessoas se fechassem na letra e esquecessem o objetivo último que é a prática do amor (Mt 5,21-22.27-28.31-34.38-39.43-44).

#### *Sua atitude frente às práticas e tradições religiosas*

Em tudo que ensina e faz, Jesus não permite que as tradições humanas, mesmo impostas em nome de Deus pelas autoridades religiosas, desviem o povo da verdadeira experiência de Deus e da vida. Ele mostra grande liberdade frente aos costumes religiosos da época: esmola (Mt 6,1-4), formas de rezar (Mt 6,5-15), jejum (Mt 6,16-18), práticas da pureza legal (Mc 7,1-23), observância do sábado (Mc 2,23-28), comunhão de mesa com pagãos e pecadores (Mc 2,15-17), expulsão de demônios (Mc 3,22-30), Templo (Mc 11,15-17). Ele chegou a anunciar a destruição do Templo (Mc 13,1-2) e a dizer que Deus pode ser adorado em qualquer lugar contanto que seja em espírito e verdade (Jo 4, 21-24).

#### *Sua atitude frente às pessoas de outra raça e religião*

Jesus reconhece a sabedoria nos que não são “sábios” e agradece a Deus por Ele revelar a sabedoria do Reino aos pequenos e escondê-la aos sábios e entendidos (Mt 11,25-26). Ele não se fecha dentro da

sua raça nem dentro da sua religião. Como a própria sabedoria, ele é ecumênico e sabe reconhecer as coisas boas que existem nas pessoas de outra raça e religião. Ele acolhe lições da parte deles: da Cananéia (Mt 15,27-28), da Samaritana (Jo 4,31-38) e até dos Romanos (Mt 8,5-13). Jesus tem a atitude do *discípulo*, que não absolutiza seu próprio pensamento. O segundo cântico do Servo de Isaías é um auto-retrato de Jesus (Is 50,4-9).

*Sua atitude frente ao povo, sobretudo frente aos pobres*

Bondade, ternura e simplicidade são a característica do jeito com que Jesus acolhia as pessoas: o velho Zaqueu (Lc 19,1-10), as mães com crianças (Mt 19,13-14), o leproso que grita à beira da estrada (Mt 8,2; Mc 1,40-41), o paralítico de 38 anos (Jo 5,5-9), o cego de nascimento na praça do templo (Jo 9,1-13), a mulher curvada na sinagoga (Lc 13,10-13), a viúva de Naim (Lc 7,11-17), as crianças em todo canto (Mt 21,15-16), e tantas e tantas outras pessoas. É o contrário da atitude dos fariseus e escribas chamavam o povo de ignorante e maldito e achavam que o povo não tinha nada para ensinar a eles (Jo 7,48-49; 9,34)

*Sua experiência de Deus lhe dá um novo olhar para rever tudo*

Todas estas atitudes de Jesus para com todas as pessoas que entravam em contato com ele, eram uma revelação da experiência de Deus que o animava por dentro, Deus ternura, Deus pai e mãe, Deus bondade. Assim ele ia quebrando na cabeça e no coração do povo a imagem patriarcal e machista de um Deus severo e distante. Por de trás de todas estas atitudes está uma experiência de Deus e da vida em aberto contraste com a concepção de Deus que se expressava nas atitudes e na estrutura religiosa oficial da época. Jesus é um leigo sábio que não estudou na escola oficial. Mesmo assim o povo reconhece que nele existe sabedoria (Mc 6,2). O povo ficava impressionado com o jeito que Jesus tinha de ensinar: “Um novo ensinamento! Dado com autoridade! Diferente dos escribas!” (Mc 1,22.27). Esta era a novidade da Boa Nova do Reino trazida por Jesus, diferente dos doutores que ensinavam que o Reino só viria como fruto da observância da lei. Jesus diz: “O Reino já está presente no meio de vocês!” (Lc 17,21).

É nesta prática de Jesus que se prolonga e desabrocha a resistência profético sapiencial que já vinha desde o cativoiro. Aqui está o eixo da ligação entre Jesus de Nazaré e a Tradição Sapiencial. Aqui, de certo modo, termina o assunto que me foi pedido para aprofundar e expor. Mas penso que vale a pena fazer algumas considerações com-

plementares sobre como, depois da morte e ressurreição de Jesus, os primeiros cristãos, usando os textos do AT sobre a Sabedoria, procuravam interpretar a identidade de Jesus como a revelação da Sabedoria Divina.

#### IV. SUPLEMENTO: JESUS COMO SABEDORIA DE DEUS

Jesus conviveu só três anos com os discípulos e as discípulas. Três anos é muito pouco. Após a sua paixão, morte e ressurreição, começou, da parte das comunidades, todo um esforço para entender quem foi este Jesus. Uma das principais fontes, onde os primeiros cristãos buscavam luz e inspiração para desvendar o mistério de Deus em Jesus eram precisamente as reflexões da tradição sapiencial sobre a sabedoria.

Sintetizando em cinco pontos as reflexões dos sábios sobre a sabedoria: (1) sua identificação com o Espírito de Deus (Sb 7,22-8,1), (2) sua existência anterior à criação (Prov 8,22-26; Eclo 24,9), (3) sua presença em todas as criaturas (Eclo 42,15 a 43,33), (4) sua encarnação em Israel (Eclo 24,8; Sl 132,13-14), (5) sua identificação com a figura de uma mulher (Prov 31,10-11; 8,32-36; 9,1-6; Eclo 7,19).

A identificação de Jesus como Sabedoria de Deus pelos primeiros cristãos tem três aspectos. 1) Associação implícita entre Jesus e a Sabedoria, visível nos evangelhos; 2) Associação explícita entre Jesus e a Sabedoria, nas primeiras cartas de Paulo; 3) Identificação entre Jesus e a Sabedoria, nas cartas posteriores.

##### *Associação implícita*

Na descrição da atividade de Jesus transparece, aqui e acolá, a associação de Jesus com a Sabedoria de Deus: Jesus age como a sabedoria no Antigo Testamento. Por exemplo, Jesus diz: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Meu Pai entregou tudo a mim. Ninguém conhece o Filho, a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar” (Mt 11,15-27). Nesta prece de Jesus são evocados textos sapienciais como Provérbios 8,22-36, Eclesiástico 24,3-9.19-20 e Sabedoria 8,3-4; 9,9-18.

O mesmo pode ser afirmado (1) do convite que Jesus dirige aos pobres (Mt 11,28-30). Neste convite de Jesus são evocados textos sapienciais como Eclesiástico 51,26. (2) do convite que Jesus dirige ao

povo no último dia da festa (Jo 7,37-39). Nesta proclamação de Jesus são evocados textos sapiências como Eclesiástico 51,25-26. (3) da afirmação e que Jesus dirige à Samaritana (Jo 4,13-14; cf. Jo 6,35). Nessas palavras de Jesus à Samaritana são evocados textos sapienciais como Provérbios 9,5 e Eclesiástico 24,29;

### *Associação explícita*

A associação torna-se explícita nas cartas de Paulo. Ele mesmo, Paulo, viveu um conflito muito forte entre a sabedoria humana e a sabedoria de Deus. Na evangelização dos coríntios, ele não quis basear-se na sabedoria humana, mas só na cruz de Cristo, escândalo para os judeus e loucura para os gregos, mas para nós expressão da sabedoria e do poder de Deus.

Em Corinto, Paulo não fez discursos de alta sabedoria como em Atenas (At 17,22-31). Em Atenas usou a linguagem elevada da oratória e da sabedoria humana, e fracassou. Em Corinto fez o contrário. Usou uma linguagem “sem o prestígio da oratória ou da sabedoria” (1Cor 2,1). Alguns da comunidade de Corinto não gostaram desse jeito simples de Paulo apresentar a mensagem. Paulo devia ter falado com mais sabedoria, para que as autoridades da cidade, “os príncipes deste mundo”, pudessem perceber a mensagem. Paulo diz que usou sabedoria, sim, mas uma sabedoria diferente que não é dos “príncipes deste mundo”. Paulo responde: “Na realidade, é aos maduros na fé que falamos de uma sabedoria que não foi dada por este mundo, nem pelas autoridades passageiras deste mundo. Ensinamos uma coisa misteriosa e escondida: a sabedoria de Deus, aquela que ele projetou desde o princípio do mundo para nos levar à sua glória. Nenhuma autoridade do mundo conheceu tal sabedoria, pois se a tivessem conhecido não teriam crucificado o Senhor da glória” (1Cor 2,6-10).

Nesta afirmação Paulo associa os textos da Tradição sapiencial sobre a Sabedoria com Jesus. Não se trata de uma identificação, mas de uma manifestação daquela sabedoria que agora chega até nós através de tudo que aconteceu em Jesus.

### *Identificação*

Nas cartas e escritos posteriores, já não é só uma associação entre Jesus e a Sabedoria de Deus, mas transparece claramente que, para o autor da carta, Jesus é a própria sabedoria. É manifestação da multiforme sabedoria de Deus (Ef 3,10). Jesus é a sabedoria de Deus (1Cor 1,24).

Diz a carta aos Colossenses: “Ele é a imagem do Deus invisível, o Primogênito, anterior a qualquer criatura; porque nele foram criadas todas as coisas, tanto as celestes como as terrestres, as visíveis como as invisíveis: tronos, soberanias, principados e autoridades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas, e tudo nele subsiste” (Col 1,15-17). Esta afirmação evoca o texto dos Provérbios: “Javé me produziu como primeiro fruto de sua obra, no começo de seus feitos mais antigos. Fui estabelecida desde a eternidade, desde o princípio, antes que a terra começasse a existir. Fui gerada quando o oceano ainda não existia, e antes que existissem as fontes de água. Fui gerada antes que as montanhas e colinas fossem implantadas, quando Javé ainda não tinha feito a terra e a erva, nem os primeiros elementos do mundo. Quando ele fixava o céu e traçava a abóbada sobre o oceano, eu aí estava. Eu me achava presente quando ele condensava as nuvens no alto e fixava as fontes do oceano; quando punha um limite para o mar, de modo que as águas não ultrapassassem a praia; e também quando assentava os fundamentos da terra. Eu estava junto com ele, como mestre-de-obras. Eu era o seu encanto todos os dias, e brincava o tempo todo em sua presença; brincava na superfície da terra, e me deliciava com a humanidade” (Prov 8,22-31). Cf. Sb 7,26; Sab 1,7; Eclo 43,27). A mesma identificação transparece na carta aos Hebreus (Hb 1,1-4 comparado com Sab 7,21-8,1) e no prólogo do evangelho de João.

## V. BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, ANA FLORA e GORGULHO, GILBERTO, *Libertação e sabedoria*, estudos bíblicos, 1986.
- BICKERMANN, ELIAS, *Der Gott der Makkabaer, Untersuchungen ubre sinn und ursprung der Makkabaischen Erhebung*, Berlin, 1937.
- BICKERMANN, ELIAS, *Der Gott der Makkabaer, Untersuchungen ubre sinn und ursprung der Makkabaischen Erhebung*, Berlin, 1937. (Este livro é antigo, mas é fundamental para a compreensão do levante dos Macabeus e das tensões quase irreconciliáveis que daí nasceram).
- BRENNER, ATHALYA, *A Mulher Israelita – Papel social e modelo literário na narrativa bíblica*, São Paulo, Paulinas, 2001.
- CERESKO, A.R., *A Sabedoria no Antigo Testamento*, Espiritualidade Libertadora, Paulus, S.Paulo, 2004.
- FIORENZA SCHUSSLER, ELISABETH, *Jezus, kind van Mirjam, Profeet van Sophia, kritische bijdragen tot de feministische christologie*, Uitgeverij Kok Kampen, 1997.

- GERSTENBERGER, ERHARD, *Teologias no Antigo Testamento, Pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*, Sinodal, CEBI, EST, 2007.
- GILBERT, MAURICE e ALETI, JEAN-NOËL, *A Sabedoria e Jesus Cristo*, (Cadernos Bíblicos), São Paulo, Edições Paulinas, 1985.
- GIRARD, MARC, *Os Símbolos na Bíblia – Ensaio de teologia Bíblica enraizada na experiência humana universal*, São Paulo, Paulus, 1997.
- GORGULHO, GILBERTO, “Sabedoria e desejo mimético”, em *Revista Eclesiástica Brasileira* 50, n.199, Petrópolis, Vozes, 1990.
- HENGEL, MARTIN M., *Judentum und Hellenismus*, Mohr, Tubingen, 1969.
- KIPPENBERG, HANS G., *Religião e formação de classes na antiga Judéia*, São Paulo, Edições Paulinas, 1988.
- LOPES, MERCEDES, *A Mulher sábia e a sabedoria mulher*, Oikos, 2007.
- LOPES, MERCEDES, *A Sabedoria e YHWH – Um estudo em Provérbios 8*, Dissertação de Mestrado, São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2004.
- Palavra-Vida. **CRB**, “Sabedoria e Poesia do Povo de Deus”, Projeto Palavra-Vida, 4º volume, Publicações CRB, 1993.
- RAD, GERHARD VON, *Weisheit in Israel*.
- RAD, GERHARD VON, *La Sabiduría en Israel – Los Sapienciales, lo Sapiencial*, Madri, Fax, 1973.
- REID, BÁRBARA E., *Violent endings in Matthew’s Parables and Christian Nonviolence*, *The Catholic Biblical Quarterly* 66, 2004.
- SACCHI, PAOLO, *Storia del Mondo Giudaico*, Torino, 1976.
- SCHWANTES, MILTON, *vários estudos sobre os Provérbios*.
- VV.AA. *As Raízes da Sabedoria*, Cadernos Bíblicos, 28, Ed. Paulinas, 1983.

Carlos Mesters, O.Carm.

Rua Martiniano de Caavelho, 114 - Bela Vista

01321-000 São Paulo - SP

BRASILE

E-mail: [freicarlos@pese.org.br](mailto:freicarlos@pese.org.br)